

I – A prática antropológica e o campo do patrimônio: trajetória e perspectivas

“Quando não tem, Caicó inventa!”: a festa de Sant’Ana e a pandemia

Julie A. Cavnac

Luiz Eduardo do Nascimento Neto

Thaís Fernanda Salves de Brito

“Certamente que por se localizar em um espaço elaborado, entre outras determinâncias, pela pecuária no semiárido da América portuguesa, a sociedade seridoense guardou características próprias neste processo histórico. Seu universo simbólico, cultura material e práticas sociais foram construídas a partir das circunstâncias que a terra e o trabalho ofereceram, pelas experiências ali encontradas, trazidas de outros espaços tanto geográficos quanto sociais e reordenadas no território das fazendas e vilas” (MACÊDO, 2009).

O Seridó se espelha no seu passado, chamando-o de volta com frequência, em particular nos períodos festivos, quando reúnem-se as famílias. Em Caicó, no mês de julho, todos se preparam para o evento que culmina no dia de Sant’Ana, santa fundadora da cidade e padroeira do Seridó potiguar. Semanas antes das comemorações, nota-se uma agitação crescente: todos vibram com as músicas que invadem as ruas, sobretudo o hino da santa, o comércio é superaquecido, só se fala em festas, encontros e rezas. A imagem mãe de Nossa Senhora é onnipresente – nas ruas, nas casas e nas igrejas. A festa de Sant’Ana, ponto alto da vida social, política, econômica, cultural e ritual da região, é um marco importante para os moradores e para os “filhos ausentes” que retornam temporariamente para o Seridó para a ocasião.

Com o *lockdown* decretado em março e a pandemia se alastrando, realizar a festa no ano de 2020 representou um desafio. Foi preciso repensar a celebração no seu conjunto, pois iria acontecer num período excepcional. As etapas da festa e as cerimônias religiosas se adaptaram aos imperativos sanitários decorrentes da pandemia de covid-19; tendo sido pensada uma

edição 100% online. Os organizadores da festa de Sant’Ana, que já usavam as rádios locais, as plataformas digitais e as redes sociais, encontraram soluções criativas para garantir uma ampla participação dos fiéis sem aglomerações, conservando as principais etapas festivas e religiosas. Mas como celebrar Sant’Ana sem procissão, sem a euforia da comemoração, sem os abraços apertados e saudosos, sem a praça lotada, sem os excessos que caracterizam esta experiência comunitária? A situação pandêmica rompeu com as lógicas do ritual, do engajamento individual, dos encontros tão esperados entre amigos e familiares em torno da imagem da santa, características fundamentais para a celebração religiosa e a completude do evento social. Por outro lado, a realização totalmente online das etapas do festejo possibilitou uma participação ampliada dos devotos espalhados no Brasil e no mundo, possibilitando novas conexões e reforçando o sentimento de comunidade. Para entender a participação intensa dos caicoenses nas redes sociais da Igreja e como se realizou com facilidade a passagem do mundo real para o mundo virtual, é preciso descrever as expressões de uma religiosidade festiva associada à ideia de família, de região e mostrar como essas referências culturais são mobilizadas durante os momentos festivos, dimensão que, ao mesmo tempo, integra e ultrapassa o sagrado.

Serão descritos aqui os principais desdobramentos das mudanças do festejo em louvor à Sant’Ana de Caicó que foram impostas pelo contexto sanitário, mas já se encontravam parcialmente presentes nas edições anteriores a 2020. Em particular, iremos indagar como as manifestações da religiosidade tiveram que se reinventar para se adequar à nova realidade, com o auxílio das tecnologias digitais que permitiram alargar a audiência católica e a participação dos filhos da terra. Na ocasião, iremos refletir sobre o papel da festa na vida social e na definição de um “ser caicoense”. Finalmente, será feita uma avaliação da importância crescente dos meios de comunicação, das mídias sociais e do uso dos celulares na vida cotidiana e ritual na região do Seridó.

Caicó, a cidade mais antiga da região, está localizada no sertão, a 260 km de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte¹. Como em outras áreas do semiárido brasileiro nas quais a caatinga² predomina, as condições climáticas e a paisagem têm sido definidoras da produção econômica baseada na criação de gado, na cultura do algodão e, mais recentemente, na fabricação de telhas e tijolos. A situação climática caracterizada pelas secas regulares e o estado de vulnerabilidade social em que se encontra grande parte da população são vistos como entraves para o desenvolvimento do sertão (MACÊDO, 2015). A paisagem também aparece como um elemento determinante na formação da identidade cultural marcada por uma história colonial à qual se recorre frequentemente para afirmar um pertencimento à “grande família do Seridó”, que compartilha um mesmo D.N.A., o de um povo festeiro, generoso, acolhedor, que gosta de encontros familiares e de comida boa.

Assim, as percepções acerca do clima, as marcas temporais, as demonstrações de fé católica, as referências às formas de sociabilidade e aos modos de vida são vistos como genuinamente seridoenses e impulsionam declarações entusiasmadas de pertencimento ao lugar: ideias, imagens e sentimentos que criam, simultaneamente, discursos e narrativas em torno da carência, do sofrimento naturalizado e da resistência às adversidades, à imagem do meio natural (BRITO, 2016; CAVIGNAC, 2007; MACÊDO, 2009)³.

1 Caicó é considerada uma cidade de porte médio de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Sua população estimada, em 2020, era de 68.343 pessoas. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/caico.html>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

2 A região está inserida no Polígono das Secas, estendendo-se por uma área de 1.228,57 km. A caatinga é um ecossistema estritamente brasileiro, agrupando uma vegetação adaptada ao clima seco e às poucas chuvas e que tem sofrido com um processo avançado de desertificação nas últimas décadas (ANDRADE, 1964).

3 Precisar-se-ia realizar um estudo mais aprofundado sobre os processos migratórios na região, no entanto, as observações realizadas durante as festas evidenciam que, de uma forma geral, são os indivíduos que conseguiram ascender socialmente que retornam para participar da festa. Muitas das famílias que enfrentam dificuldades financeiras tendem a investir na estratégia da migração e nem sempre conseguem participar da festa;

1 - Restaurante de Sasá (Caicó, julho 2018)



Foto: Julie Cavnac

Neste sentido, é comum ouvir relatos sobre o passado marcados pela fome, a migração e a saudade por viver longe de casa. Como parte deste enredo, a migração é vista como saída para escapar das dificuldades, o que leva, também, a considerá-la como uma estratégia de sobrevivência e suscita uma reelaboração das referências culturais e da afirmação identitária (CAVIGNAC, 2001; FÍGOLI; FAZITO, 2009). É interessante observar como a festa de Sant’Ana reativa a experiência migratória: o ir e o voltar, o retorno do filho pródigo que renova os laços com os parentes e amigos, participa das comemorações e demonstra sua fé em público, compartilha as lembranças dos momentos difíceis e sente a necessidade de externar os sinais da sua as-

as transferências monetárias regulares dos “ausentes” incrementam a renda e servem de suporte para o enfrentamento de situações de vulnerabilidade. Entretanto, não se trata apenas de um laço estritamente econômico, mas que se estabelece pela lógica da dádiva (e contra-dádiva), afinal, estas remessas consolidam pontos de relação, cumplicidade e união, solidariedade, generosidade, reciprocidade e sistema de poder entre os indivíduos de uma família ou uma comunidade imaginada (LANNA, 1995).

censão social para explicar sua ida (PEREIRA, 2011). São várias gerações de seridoenses “ausentes”, como são chamados aqueles que retornam à Caicó na festa de Sant’Ana. Contudo, é a mesma santa que abençoa seus filhos quando eles precisam partir quem os chama de volta, de tempos em tempos, para “sua casa”. Os filhos ausentes retornam para a terra natal e, com eles, trazem novos assuntos de conversas, notícias de parentes que não puderam fazer a viagem, motivos para acionar memórias e motivos de saudade. A família e os acontecimentos pessoais dos conhecidos são os principais assuntos das conversas e dos encontros durante a festa de Sant’Ana.

Por definição, a festa assinala uma pausa no cotidiano e serve de marcador temporal, desempenhando um papel central na organização da vida das famílias que se preparam para a ocasião com antecedência. A festa aparece como um marcador identitário: quando os devotos celebram seus santos e protetores, eles enaltecem a origem rural das famílias e sua trajetória histórica, ressaltando o papel dos ancestrais para o desenvolvimento da região. Durante o evento, os espaços da festa se ampliam e são reconfigurados pelos atores sociais. É um período de efervescência. É, também, o momento do retorno. Os ausentes, ao mesmo tempo em que se reencontram com a sua comunidade de origem, publicizam o seu sucesso pessoal. Muitos moram em Natal, capital do estado, em Brasília, no Rio de Janeiro, em São Paulo ou mesmo no exterior⁴ (USA, Holanda, Portugal etc.) (PEREIRA, 2011). Afinal, apesar da partida em busca de melhoria nem sempre ser exitosa, é preciso reafirmar que a escolha de migrar foi uma decisão acertada e que gerou, além da sobrevivência, uma certa projeção social extensiva a todo o grupo familiar. Seja para celebrar, passear, retornar ou ostentar. O que importa, para o caicoense, é festejar as origens, reatar os laços familiares, celebrar histórias, recordar e criar novas memórias e, o principal motivo avançado pelos caicoenses, cultuar a santa padroeira Sant’Ana, cuja imagem se torna consubstancial à do Seridó (PEREIRA, 2011).

4 Segundo uma pesquisa empírica realizada em 2009, entre 80 e 90% dos participantes da festa nasceram em Caicó ou tinham laços familiares na região (SILVINO, 2012).

*C'o vaqueiro da prece lendária
Surge o manto do amor de Sant'Ana
Caicó, jovial centenária
Que os seus filhos queridos ufana.⁵*

Declarada patrimônio imaterial brasileiro, em 2010, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁶, a Festa de Sant'Ana de Caicó acontece anualmente, durante os últimos dez dias do mês de julho. A celebração da mãe de Maria toma conta da cidade, na qual se observa uma diversidade de manifestações religiosas, sociais, econômicas e culturais. É a oportunidade para uma leitura da vida social, pois o evento concentra em um mesmo lugar os diferentes grupos que reivindicam uma história comum. De fato, toda a cidade vive intensamente durante os dez dias de celebração, período no qual é rememorada a fundação do lugar, são apresentados os poderes sobrenaturais da santa padroeira, são enaltecidos os valores da família e é uma ocasião de reafirmar uma identidade seridoense idealizada que se confunde, no final, com a figura de Sant'Ana, que segue o roteiro clássico do processo colonial, no qual a versão dos fazendeiros prevalece.

5 Hino de Caicó, de Felinto Lúcio Dantas e José Lucas de Barros.

6 Em dezembro de 2010, a festa de Sant'Ana foi inscrita no Livro de Registro das Celebrações do IPHAN, pelo Conselho Consultivo da Instituição. Os autores deste artigo participaram da equipe formada por cinquenta pessoas, incluindo pesquisadores, estudantes e voluntários, ligados à Universidade Federal do Rio do Grande do Norte (UFRN), ao Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e outras instituições que, em parceria com o IPHAN e o Ministério da Cultura, produziram uma vasta documentação, segundo a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC-IPHAN), que serviu de base para o dossiê com vistas ao processo de patrimonialização e em resposta à comunidade para a solicitação do registro (CAVIGNAC *et al.*, 2011). Para consultar o cadastro da lista das celebrações patrimonializadas pelo IPHAN, veja: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/500>>. A densa investigação sobre a Festa de Sant'Ana e seus bens associados foi realizada na cidade de Caicó, entre os anos de 2007 e 2008. Outras observações etnográficas sobre a Festa de Sant'Ana foram realizadas em 2004, 2017, 2018, 2020 e 2021.

Sant'Ana desempenha um papel identitário que é exemplificado na hagiografia local. A fé e a celebração religiosa são os motes do evento que contém múltiplas dimensões, dentre elas, a rememoração das narrativas históricas e das referências mitológicas relativas ao poder milagroso da santa. A lenda de origem da cidade de Caicó segue a trama narrativa dos milagres realizados por Sant'Ana, que é chamada para auxiliar seus devotos (BRITO, 2011; CAVIGNAC, 2007). Como em outras cidades que se originaram de uma aparição santa, as figuras sagradas têm um papel determinante para a história e a definição de uma identidade coletiva: Sant'Ana é, antes de tudo, uma padroeira, representa Caicó ao mesmo tempo que os moradores se identificam com a santa.

A religiosidade popular se apoia no mito de origem que se apresenta como uma batalha sobrenatural entre um espírito animal e um humano. A lenda remete aos tempos da conquista e às guerras coloniais contra os índios – as chamadas Guerras dos Bárbaros. Encena a saga de um vaqueiro que se perde na mata e se depara com um touro selvagem, o espírito nativo encarnado no animal⁷. Quando o vaqueiro – provavelmente português – invoca Sant'Ana, o touro desaparece e o aventureiro encontra seu caminho. Em agradecimento, decide construir uma capela, mas a seca o impede de

7 O animal selvagem (o touro) é designado como a encarnação de um espírito nativo – o que restou dos índios. Se seguirmos este caminho, estamos diante da narrativa entre a batalha sobrenatural de Sant'Ana contra as forças autóctones. É Sant'Ana quem civiliza: doma o animal silvestre e a natureza intocada. Sua aparição “dá à luz” à cidade, tornando “naturalmente” seus filhos e descendentes aqueles habitantes da cidade. Assim, o destino do Seridó torna-se intrinsecamente ligado à Sant'Ana (CAVIGNAC, 2007). O papel civilizador da mãe da Virgem é ilustrado graças a uma reinterpretação da história: o heroísmo dos colonizadores europeus, sublinhado pela presença da santa, é associado ao desaparecimento misterioso – o encantamento – das populações nativas. Estas narrativas sagradas e milagrosas fizeram parte das estratégias de evangelização, justificando os massacres e a desapropriação das terras indígenas, entre outros níveis de violência. Ainda que o Rio Grande do Norte tenha vivido uma das maiores resistências indígenas, atrasando a instalação da sociedade colonial, no Seridó, não se verificou um movimento de etnogênese como aconteceu em outras regiões do estado (CAVIGNAC, 2003; MACÊDO, 2015).

fazê-lo. Mais uma vez, chama a avó de Jesus para socorrê-lo. Surge então uma fonte milagrosa, que nunca seca: é o poço de Sant’Ana, local onde se instalaram os primeiros moradores, que construíram uma casa-forte chamada também de Casa de pedra. Para conservar a água, o vaqueiro cava um poço, onde, dizem, vivem uma cobra, uma sereia e duas baleias! A qualquer momento, os animais sobrenaturais podem ressurgir e provocar o fim do mundo, inundando a terra e atualizando o Apocalipse bíblico. Entretanto, Sant’Ana zela por seus “filhos”, evitando que qualquer desastre aconteça e mantendo a fonte de água sempre viva naquele território árido. Por isso – e para confirmar a crença no poder e na prodigalidade da padroeira – constrói-se uma capela em sua homenagem, na qual se organiza sua devoção. Assim, as histórias lendárias do milagre da santa e a fundação da cidade são lembradas a cada ano, durante os festejos da padroeira. Ao cultuar Sant’Ana, Caicó exalta uma religiosidade fundamentada numa história sempre recontada, na qual é ressaltada a união das famílias e a identidade entre os devotos e a santa; todos são filhos de Sant’Ana.

Há uma referência duplamente mariana na versão caicoense da história da cidade, o que reforça a legitimidade da presença da santa católica no sertão: a mãe, conhecida pela sua paciência e a filha obediente são lembradas desde a chegada dos colonos que construíram as primeiras marcas civilizadoras; um poço, necessário para o estabelecimento das fazendas e uma igreja para cuidar das almas dos degredados, muitos deles cristãos novos, dos escravizados e dos índios que lá viviam. Como em outras narrativas evangelizadoras, os santos católicos – suas representações em estátuas –, trazidos pelos portugueses, “escolhem” um local na natureza para revelar sua presença aos humanos, em um momento crucial e épico. Estabelecem definitivamente a legitimidade da presença dos primeiros ocupantes ao mesmo tempo que oferecem uma versão católica do passado, eliminando os outros agentes da história submetidos ao processo colonizador (CAVIGNAC, 2003). Além disso, a religião católica, essencialmente festiva, ocupa um lugar central desde o Brasil colônia e continua tendo um papel de organização da vida social (CASCUDO, 1999; DAMATTA, 1981; FREYRE, 1998; PEREZ, 2011).

Há mais de dois séculos e meio, a festa de Sant'Ana se repete a cada mês de julho. Esta celebração anual segue um intenso calendário litúrgico com novenas, missas, procissões e rituais católicos associados à figura da santa, além de uma série de atividades festivas, conforme dito.

É logo no início de abril que se começa a organizar a festa a partir de subcomissões que cuidam dos preparativos. Tudo o que se refere à festa de Sant'Ana está sob a responsabilidade da Igreja Católica. No entanto, a celebração só acontece graças ao trabalho dos voluntários, que trabalham duro para dar conta de uma série de solenidades e festejos que movimentam a vida dos caicoenses. Para que tudo ocorra bem é preciso iniciar os preparativos quatro meses antes da data. Os envolvidos na festa elegem uma comissão organizadora, composta por quarenta representantes, incluindo católicos engajados em ações ecumênicas, estudantes, comerciantes, funcionários públicos ou profissionais liberais. Em meados de abril, iniciam-se as reuniões para definição das tarefas, através das subcomissões, formadas de grupos com cinco membros⁸.

São estes grupos que planejam vários eventos em benefício da Igreja, inclusive com atividades sociais que acontecem fora de Caicó, e se revelam como uma possibilidade de convidar e incluir os filhos ausentes na preparação e no financiamento do evento. Por exemplo, há o bingo de Sant'Ana, que acontece no primeiro semestre de cada ano, no clube da Associação

8 É no âmbito destas subcomissões que ocorre a gestão integral da programação da festa. Aqueles que são parte da equipe financeira cuidam da arrecadação, dos patrocínios, das possíveis parcerias com a Câmara dos Lojistas de Caicó (CDL); há a equipe de organização, que atua na produção dos eventos beneficentes, tanto religiosos quanto sociais, por exemplo, são eles que organizam os eventos gastronômicos como o almoço de Sant'Ana, a produção de doces, a gestão do bar da festa, além disso, cabe a este grupo a organização da venda de livretos, assim como da escolha e comercialização de souvenirs; há, ainda, uma comissão dedicada à liturgia da festa, assim como uma equipe dedicada à comunicação e à divulgação da celebração; e, até mesmo, uma subcomissão que trabalha com compras e, assim, ampara as demais comissões. Enfim, estamos diante de uma estrutura muito bem orquestrada.

Atlética Banco do Brasil, em Natal, com sorteios de prêmios como imagens da santa, leilões e lanche. Além deste evento, há outros organizados fora de Caicó: dez dias antes do dia da padroeira, inicia-se a festa de Sant’Ana em Capim Macio, bairro de Natal, ali acontece o jantar de Abertura da festa e, na ocasião, são comercializadas as camisetas da celebração feitas para aquele ano.⁹ Em Brasília, o proprietário do restaurante Xique-Xique, nascido em Caicó e que migrou para a capital federal há mais de 40 anos, reúne seus conterrâneos, em particular a família Capitão, para manter a tradição para quem não puder viajar ou ajudar nas despesas da festa no Seridó. Estes grupos fazem parte dos caicoenses ausentes e dos peregrinos que, usualmente, patrocinam a última novena da festa em Caicó, no sábado (PEREIRA, 2011).

Todas as comissões são supervisionadas pela Paróquia de Sant’Ana. A partir de abril, as procissões rurais e urbanas são organizadas pelos voluntários e seus líderes religiosos e, vale destacar, as atrações que seguem os encontros religiosos são concorridas e muito esperadas por toda a comunidade. Ali, os fiéis rezam, cantam, lancham e se confraternizam. As novenas e as missas terminam com leilões, bingos e sorteios de produtos agrícolas e de outros bens doados¹⁰, bem como com vendas de bebidas e comida, auxiliando na arrecadação financeira para garantir a sustentabilidade da festa. Além de exemplificar a fé e a generosidade, vistas como consubstanciais à identidade dos caicoenses, estes eventos caritativos apontam para outras perspectivas da festa, como a capacidade de nutrir as relações e a vida social. Além das procissões e desfiles (*Arrastão*) que ocorrem duran-

9 Na versão da festa que aconteceu durante a pandemia, em 2020, foi vendido um kit do devoto em benefício da Igreja: sacola, máscara, livro do novenário e álcool em gel.

10 Bingos, sorteios e leilões são realizados por meio de doação. A comunidade se organiza para ofertar as prendas e este momento de arrecadação que ocorre após os encontros religiosos é uma experiência animada e festiva. Tradicionalmente, eram montados ba-laios, peças de palha trançada, com vários gêneros alimentícios que podem incluir desde a cesta básica ou itens da gastronomia local que auxiliam na comensalidade da festa como doces, queijos, inclusive, a doação de animais abatidos como carneiro e gado. Atualmente, tornou-se popular a montagem de kits com produtos de beleza e cuidados pessoais, enxoval, artigos para casa e pequenos eletrodomésticos.

te o período festivo em julho, as comissões realizam as peregrinações rurais e urbanas que acontecem segundo um percurso já determinado. Para isso, desde junho, cinquenta imagens de Sant’Ana peregrinas percorrem as comunidades e os bairros da cidade em eventos contínuos e itinerantes. As celebrações religiosas se multiplicam – orações, missas, procissões, novenas, visitas da imagem de Sant’Ana por doentes etc (IPHAN, 2007)¹¹. As imagens apenas irão se encontrar no início da festa de julho.

Durante o mês de maio, as equipes começam a preparar o evento; são supervisionadas pelos dirigentes, coordenadores da festa e, essencialmente, pelo pároco. Trata-se de um momento importante pois decisões são tomadas, com o planejamento e o acompanhamento das tarefas, considerando dificuldades e demandas que surgem a cada momento. Em junho, tudo se acelera e inicia o período de realização das novenas. Neste momento, as equipes encarregadas da Peregrinação auxiliam a paróquia na organização das atividades religiosas itinerantes, fundamentais tanto na perspectiva religiosa e espiritual quanto pela sociabilidade que proporcionam. Cabe à equipe agendar a visita de Sant’Ana às casas dos fiéis, auxiliar as famílias a receber os convidados, incluir as personalidades locais, os políticos, os comerciantes e representantes de instituições de caridade nos eventos, no preparativos e na mobilização para as doações.

Julho, o mês de Sant’Ana, se inicia com a ambientação da festa. As primeiras semanas têm uma nova rotina para a produção da festa. Durante o período, é preciso pintar a Catedral, fazer a manutenção da praça, podar as árvores, adequar os canteiros, cuidar da logística. A infraestrutura da festa requer a atenção dos voluntários: desde a escolha de mesas e cadeiras que

11 O grupo de peregrinos de Sant’Ana (Caravana Ilton Pacheco), que existe desde o ano 2000, se reencontra todos os anos antes do período da festa para fazer uma peregrinação – percorrem 100 km a pé entre Currais Novos e Caicó (o trajeto pode variar de um ano para outro) –, sendo recebidos em fazendas durante o trajeto. A chegada do grupo em Caicó corresponde ao início da festa. Em 2020 não aconteceu. Para se ter uma ideia das atividades do grupo, ver o Instagram: <<https://www.instagram.com/p/CD0le-1dB1U6/>>.

ocupam toda a praça da Catedral até os banheiros químicos que irão servir aos participantes, passando pela estruturação dos shows, bailes e das feiras¹². A festa de Sant’Ana¹³ inicia uma semana antes do dia 26 de julho, dia da Padroeira, e dura até o último domingo de julho ou o primeiro domingo de agosto. É a oportunidade de demonstrar sua fé junto com seus vizinhos com bênçãos coletivas dedicadas para aqueles que estão doentes, para as crianças e, às vezes, para os animais – sejam os animais de companhia ou de criação (cavalo, gado, bode). Há também uma cerimônia específica para proteger os veículos dos fiéis, o que leva muitos caminhoneiros da região a retornarem para a cidade nesta ocasião.

A FESTA DO COMÉRCIO

A festa é planejada de acordo e em parceria com o comércio local, que muito se beneficia com o fluxo de visitantes que o evento mobiliza. Vale destacar que Caicó é um polo de prestação de serviços de nível regional – educação, serviços médicos, bancos e comércio –, atraindo, inclusive, moradores da vizinha Paraíba. Além dos comerciantes caicoenses, vários agentes da vida econômica das cidades do entorno também se responsabilizam em arrecadar fundos para realizar a Festa de Sant’Ana. Este grupo de mantenedores é composto por empresários e comerciantes, representados pela Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), que se somam aos filhos ausentes que moram longe da cidade (principalmente os donos de negócios), as “famílias tradicionais” (*i.e.*, os mais ricos¹⁴), os políticos da região e, ainda,

12 A produção da festa é a soma dos esforços das paróquias da cidade e das subcomissões que organizam a festa, além da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal, do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE) e CDL.

13 Em Caicó, a festa de Sant’Ana acontece durante dez dias de festa. O dia de Sant’Ana – 26 de julho – orienta a organização do calendário, que é móvel e seu encerramento pode ocorrer no último domingo de julho ou primeiro domingo de agosto, para não coincidir com a festa de Sant’Ana que acontece na vizinha Currais Novos e cujo encerramento ocorre no dia de Sant’Ana.

14 Como os filhos de Sant’Ana que moram em Brasília.

alguns devotos anônimos que colaboram financeiramente. No geral, esta reunião de parceiros viabiliza a concessão dos patrocínios, tanto através de doações em espécie quanto pela facilitação de acesso à produção da estrutura festiva. Trata-se de um grupo poderoso, de um ponto de vista tanto econômico quanto político e simbólico.

2 - Sociabilidade masculina durante a festa de Sant'Ana de Caicó,
bar de Zeca Barrão, julho 2018



Foto: Julie Cavignac

O mês de Sant'Ana é um tempo de comércio agitado. Junto com o Carnaval, que marca o início do ano, a festa da padroeira é a principal festa da cidade. Outros eventos do calendário cristão (festa de padroeiros nos bairros, dia de São José, festas juninas), festivais, feiras e vaquejadas, são elementos importantes da economia local, mas não conseguem atrair pes-

soas que residem fora da localidade¹⁵. Além do comércio de produtos locais, principalmente da gastronomia regional, a cidade toda “vende Sant’Ana”: souvenirs, artesanatos, sobretudo as camisetas com a figura da santa, e outros itens com mensagens religiosas são comprados principalmente por filhos ausentes e turistas (imagens sacras, bonés, canecas, chaveiros). Mas não somente. É um tempo de consumo intenso também para os moradores da cidade, afinal, é preciso comprar roupas e calçados novos, fazer reparos nas casas, prover a alimentação e as bebidas para os dias de festa, priorizando os produtos locais. Esta movimentação econômica amplia e incentiva, de forma considerável, a concessão de patrocínios e de donativos para a festa, que se torna um acontecimento importante para a economia regional. Como a organização do evento começa até seis meses antes da data, as atividades comerciais nesse período e os proprietários das marcas locais aproveitam para divulgar suas lojas e produtos: donos de supermercados, distribuidores de bebida, de carne, de café, de sorvete (Picolé Caseiro Caicó, Slurp), revendedores de eletrodomésticos e até lojas de lingerie fazem doações e apoiam atividades religiosas e festas concorridas que, muitas vezes, se confundem com propaganda comercial – podemos ver que Sant’Ana também ajuda a vender enquanto é ajudada pelos seus filhos a estruturar a sua festa. Há uma grande movimentação financeira relacionada à celebração religiosa que é um momento esperado pelos comerciantes de uma cidade que não tem indústria.

A economia local é aquecida também com a venda de bordados, pois a região é um centro importante de produção artesanal: todos os anos, desde o final de março, bordadeiras alternam sua produção usual com a produção específica de peças para serem usadas nas ocasiões religiosas dedicadas a Sant’Ana. Desde início de maio até a semana que inicia o evento, os esforços das bordadeiras da cidade são voltados para a produção da festa. As roupas

15 A economia regional foi fortemente impactada pela pandemia com a anulação das festas; estima-se um prejuízo de R\$1 bilhão de reais, envolvendo todos os setores envolvidos (ver: <<https://agorarn.com.br/economia/nordeste-tera-prejuizo-de-mais-de-r-1-bilhao-sem-festas-de-sao-joao/>>.)

são confeccionadas e ornamentadas para serem usadas na festa, principalmente durante a procissão do último dia. Os bordados litúrgicos são usados na indumentária dos párocos, nas toalhas das mesas e dos apoios da Igreja, e também na renovação dos enxovais das casas. No período da festa, as casas são enfeitadas e as mesas devem ser ornamentadas: os bordados são utilizados nos jogos de mesa, o que cria um cenário festivo para as reuniões familiares (BRITO, 2011).

É comum ouvir que “a cidade se veste para Sant’Ana” ou “a cidade toda se enfeita”. De modo concreto, significa que a ambiência da festa determina o modo pelo qual o comércio se organiza, inclusive esteticamente, para o período festivo. Neste contexto, as lojas e restaurantes que se associam à festa são vistos com bons olhos pela população: nas semanas que precedem o evento, o centro da cidade vive num clima intenso de preparação. Uns remodelam suas vitrines, ornamentando-as com as imagens da padroeira, acrescidas de muitas flores, cores exuberantes e bordados; músicas sacras e o hino de Sant’Ana ressoam no centro da cidade; todos comentam as atrações futuras, preparando seu estoque de roupa branca, de comida e de bebida. Os funcionários dos estabelecimentos comerciais se vestem para a festa, com uniformes que aludem à imagem da padroeira. Ações da municipalidade são realizadas para adequar os espaços públicos ao evento, com reformas, enfeite de praças, limpeza da ilha de Sant’Ana e do centro de exposições onde normalmente acontecem os shows e onde são instalados restaurantes, bares e o parque de diversão.

AS FESTAS NA FESTA

A cidade é palco de uma intensa sociabilidade que se acompanha de demonstrações de ostentação. “Tudo é muito”: quanto mais gente, barulho, festa, bebida e comida, mais festa. É preciso gastar para mostrar seu poder econômico; segundo nossos interlocutores, ser generoso é sinônimo de celebração das origens, num tempo em que não se podia negar um prato de comida nem água para quem pedia. O exagero soa, inclusive, paradoxal,

uma vez que a festa acontece numa região situada em uma zona árida, historicamente pobre. As festas e os rituais são momentos de exceção, no qual a fé é revigorada, mesmo que se contradigam alguns tradicionais preceitos cristãos, como os da simplicidade, da fraternidade, da solidariedade. Pelo contrário, é preciso “ostentar”! Assim, os momentos de excesso que caracterizam a festa acentuam as desigualdades: as relações sociais são regidas por relações assimétricas frequentemente associadas a um paternalismo e um racismo naturalizado. Em todas as ocasiões, os mais ricos exibem as provas das suas trajetórias de sucesso, com as marcas da opulência e gestos de generosidade. Durante a festa dos filhos de Sant’Ana, as hierarquias são reafirmadas, os jogos políticos traçados, as sociabilidades tradicionais celebradas.

Nos espaços privados, percebe-se o mesmo fenômeno: as casas são pintadas, os jardins cuidados e os interiores das casas são decorados – das mais elegantes até as mais simples habitações. Todos se preparam para receber parentes e amigos que participarão da festa. Além disso, na véspera de Sant’Ana e durante os dias de festa, as mulheres lotam os salões de cabeleireiros, agendam maquiagem para as noites de balada e, quem pode, compra ou encomenda roupas novas com as costureiras, uma para cada dia para não repetir o modelito! As senhas das festas são reservadas com antecedência, pois a agenda é concorrida, mesmo se tem, pelo menos, uma festa social por dia.

A santa ocupa o espaço, os corpos e faz parte da vida íntima dos devotos. Na cidade, por onde se anda, encontra-se uma representação imagética da santa acompanhada do seu nome e vários empreendimentos têm o nome de Sant’Ana na sua razão social: Santana vende carros, extintores, gás, madeira, colchões, calçados, bijuterias etc.; é dona de um posto de gasolina, de uma distribuidora de bebidas, de um frigorífico e de uma mercearia; Ana Santana Dantas é uma loja especializada no Comércio Atacadista de Alimentos etc. A identificação das mulheres com Sant’Ana é múltipla, pela fé e pelo nome. São várias gerações de Anas numa mesma família, muitas mulheres devotas batizam suas filhas com o nome da santa em várias asso-

ciações que remete à ligação direta que une a criança à protetora: simplesmente Santana ou o nome da santa associado a um outro (Caroline Santana, Ana Géssyka, Jéssica Santana, Maria Santana, Nara Santana etc.), ou que faz referência à cidade (Anna Caicó) ou, ainda, é comum encontrar o nome da santa redobrado, como é o caso de Ana Sant’Ana ou Ana de Sant’Ana.¹⁶ Algumas inovações são possíveis (Wllana) e muitos têm como sobrenome Santana, como o jornalista Anselmo Santana. A padroeira é onipresente na cidade, praticamente todas as casas e comércios possuem uma imagem de Sant’Ana. É comum ver adesivos colocados nos carros ou camisetas estampadas com sua efígie. Um devoto, em 2008, tatuou as costas com a réplica da imagem de Sant’Ana da catedral de Caicó.

ACORDA, CAICÓ!

No primeiro dia da festa, a cidade acorda com uma energia renovada; a alvorada abre os festejos. As pessoas caminham alegremente pela cidade, as casas se abrem, são enfeitadas, as visitas são esperadas, os filhos ausentes se reencontram e os voluntários que cuidam de Sant’Ana começam a trabalhar cedo na primeira manhã da festa. Esse fervor religioso e social dura pelo menos os dez dias da festa.¹⁷

Cabe à equipe de produção – experiente e entrosada – decorar a Matriz, principalmente o altar, com maços de flores naturais doadas por fiéis e anônimos como forma de agradecimento e louvor. São flores do campo, rosas, folhagens em profusão. Além da Igreja, e seguindo o mesmo estilo, o andor que irá transportar a imagem da santa durante as procissões é adornado, assim como a imagem da santa que, além das flores, também é enfeitada com joias em ouro – particularmente os brincos. O trabalho cuidadoso

16 Ver a revista *Collezione*, n. 8, 22/11/2014, disponível em: <<https://issuu.com/collezionebr/docs/ll->>.

17 Em 2018, quando se comemorou os 270 anos de fundação da Paróquia de Sant’Ana, os eventos religiosos tiveram início em 18 de julho, uma quarta-feira, e seguiram até o domingo, dia 29. O Circuito Musical teve início na semana seguinte do início da festa, no dia 25 e se prolongou até o domingo (29), após o encerramento das atividades religiosas.

e rápido da equipe é fundamental para criar um clima mágico na nave da igreja, que se mantém cheia de fiéis todos os dias, independente da hora. A igreja, localizada no centro de Caicó, fica aberta durante os dias da festa, abrigando fiéis rezando e participando das missas e novenas. A imagem de Sant'Ana no altar da Catedral, réplica da imagem primitiva, é protegida por uma caixa de acrílico transparente, para que os devotos a visitem, se aproximem e façam suas orações.

Todos os dias, exatamente às 5h, há uma alvorada festiva que sai da Catedral de Sant'Ana e percorre alguns bairros. Além dos sinos, a banda toca músicas alegres, chamando os fiéis para a missa que se inicia às 6h30. O primeiro dia começa com o “Acorda, Caicó”, que é uma alvorada festiva saindo da Catedral de Sant'Ana e seguida por uma missa na igreja do Rosário. A abertura oficial da festa começa com o hasteamento da bandeira e missa na Catedral às 17h. Os dias que seguem têm missas no início e no final do dia, com recitação do terço e novena. Há uma intensa agenda de momentos religiosos em todos os dias durante as duas semanas de festa: novenas, missas, terços, adorações ao Santíssimo, confissões, batizados, eucaristias, recitação do Ofício de Sant'Ana e São Joaquim. Os padres são procurados por seus fiéis, famosos pelas suas homílias ou por seus talentos de cantores e seu carisma. Os seguidores de Sant'Ana ocupam as ruas e desfilam na cidade, se organizam em grupos de idade ou por categoria, como na marcha dos idosos, nas caminhadas de jovens e crianças ou na carreata de motoristas; há momentos especiais, como os batizados ou a unção de enfermos. O ápice da festa se aproxima com a chegada da última quinta-feira, quando ocorre a Cavalgada de Sant'Ana e, logo em seguida, dá-se início à Feirinha de Sant'Ana.

A Cavalgada de Sant'Ana é uma procissão de vaqueiros montados a cavalo ou em jumentos. É frequente que usem roupas de couro que, tradicionalmente, serviam na lida com o gado, para proteger os cavaleiros e os animais dos espinhos e dos arbustos da caatinga. Os vaqueiros chegam pela manhã na praça da Matriz, onde acontece em seguida a Feirinha; recebem a bênção do pároco e as libações podem iniciar. São momentos intensos de

sociabilidade, durante os quais diversos grupos sociais se encontram e re-vivem um passado mitificado, que ressurge com força no tempo do ritual. A emoção é criada pelo impacto da chegada das centenas de cavaleiros na praça da Catedral. Mesmo que existam cada vez menos vaqueiros nas fazendas, uma vez que estas perderam parcialmente suas funções produtivas, esses personagens permanecem no centro das celebrações, pois personificam o passado colonial idealizado e o mito de Sant’Ana. Dotados de significativo prestígio social, os vaqueiros continuam representando o ideal da sociedade tradicional: vaqueiros e fazendeiros, ricos e pobres vêm das fazendas vizinhas a cavalo, usam as cores da fazenda e às vezes o brasão da família¹⁸.

A presença dos vaqueiros na festa tem como proposta trazer autenticidade ao acontecimento e reforçar a versão da história local. Desde pelo menos 1950 existe uma cavalgada entre Acari e Caicó cujo encerramento se dá com a missa de abertura da festa. Ao longo dos anos, a participação dos vaqueiros começou a diminuir, pois muitos fiéis se queixavam da presença dos animais que perturbavam a abertura da festa. Em 2002, Max Azevedo, o organizador da cavalgada, que ocupou vários cargos públicos como secretário da prefeitura de Caicó e se elegeu vereador em 2020, propôs reduzir o trajeto da cavalgada, trazendo-a para o início do dia, o que evitou o tumulto na festa. A partir desta data, os devotos e seus animais são acolhidos com um café da manhã e recebem a bênção do pároco na chegada da procissão. Em 2019, contando com o apoio logístico da prefeitura, mais de 2.000 cavaleiros percorreram as ruas da cidade, num percurso de 6 km até a Catedral, na Praça da Matriz, atraindo curiosos pelo caráter imponente do evento¹⁹.

18 Alguns ricos proprietários rurais, com grandes rebanhos, ainda mantêm seus vaqueiros, principalmente para a promoção das vaquejadas, torneios que reúnem centenas de participantes e que incluem competições concorridas. As vaquejadas são voltadas, especialmente, para o entretenimento de jovens rurais e urbanos. Embora as atividades rurais sejam cada vez mais escassas, especialmente em períodos de longas secas, fazendeiros ricos desejam manter seus melhores cavalos para participar das vaquejadas, atividade que continua sendo muito rentável para as grandes criações e os vaqueiros famosos.

19 Informação retirada do artigo publicado em 26/07/2019 “Sant’Ana: uma festa pelo reencontro, fé e resistência do povo seridoense”. Disponível em: <<https://bit.ly/3xFO-zlN>>. Acesso em 14/7/2021.

Outros pontos fortes da festa são a procissão final e o concorrido e polêmico “Beija”, que representa o ápice da celebração religiosa. É a ocasião de se aproximar da Senhora Sant’Ana. A saída da imagem principal de Sant’Ana pela cidade e seu retorno à Igreja são acompanhados por uma multidão que se aglutina para segurar o andor. Deputados, antigos prefeitos, vereadores, candidatos e pessoas influentes fazem questão de estar presentes. Em 2019, a polícia civil local contabilizou, no domingo que encerrou a festa, a presença de cerca de 50 mil pessoas, somente na última procissão (SANTOS; BARBOSA, 2020). Para se ter ideia da grandiosidade da festa para o Seridó, basta lembrar que a população da cidade representa 68.343 pessoas; em tempos normais, a população quase dobra em número durante os festejos, com a confluência de pessoas para a cidade, o que se traduz num importante incremento econômico, em particular para o comércio e as prestações de serviços.

3 - Vista da procissão, julho 2019



(Foto: Luís Eduardo do Nascimento Neto)

A procissão de encerramento acontece às 17h, seguida de uma missa campal. No momento em que a imagem sai da Catedral, é acompanhada pelos seus fiéis vestidos de branco que aplaudem-na e entoam seu hino durante toda a procissão. O bispo, os padres e todos os membros da Igreja aguardam no patamar e abrem a procissão. As imagens de Sant'Ana e de São Joaquim são carregadas por homens que pagam promessa naquela ocasião e que se revezam ao longo do percurso. São seguidos pela multidão que tenta se aproximar ao máximo, num ambiente sonoro que emociona os fiéis: fogos de artifício, música, cantos, vivas, orações, gritos e aplausos que se cruzam com a voz do palestrante, que comenta o andamento da cerimônia e conduz os santos para a igreja. Jogam-se confetes em seu caminho, *selfies* e *prints* são enviados para os parentes, mandam-se beijos e acenos para a imagem. Na procissão, os fiéis costumam caminhar com a mão no coração, alguns seguem descalços, carregando uma pedra na cabeça, muitos vão em contrição, tentam tocar a santa ou carregar o andor, rezam, cantam e choram. A procissão percorre as ruas da cidade, onde os moradores acenam para a santa e finaliza na frente do Arco Triunfal. Após a descida da bandeira, a imagem de Sant'Ana volta para a Catedral – a casa de Sant'Ana –, acompanhada por uma queima de fogos e muitos vivas!

O retorno das imagens de Sant'Ana e São Joaquim se traduz numa grande euforia entre os devotos. É o ápice da expressão do sagrado: os fiéis tocam e beijam a estátua de Sant'Ana e retiram as flores que ornamentam as imagens para levar de lembrança. Este momento, tão esperado entre os devotos, é conhecido como “O Beija” e marca o final das comemorações religiosas. Conseguir pegar uma flor que enfeita a imagem de Sant'Ana é carregar consigo a bênção da santa, é ser tocado por sua graça ou adquirir um pouco de sua santidade. A multidão se precipita na igreja com manifestações públicas de fé. O calor, o perfume do incenso misturado ao das flores, o som dos sinos e o barulho do ambiente, as orações e o entoar dos cantos tornam o momento intenso e místico. Neste momento, não é fácil entrar na igreja: a maior parte dos fiéis participa da cerimônia do lado de fora da catedral, acompanhando a projeção da missa nos telões instalados para a oca-

sião. É durante a missa solene que os fiéis fazem seus pedidos à Sant’Ana, comprometem-se a pagar a graça alcançada. Em retorno, Sant’Ana escuta seus filhos, cuida dos seus protegidos. Ela é uma figura próxima e humana: as pessoas vêm cumprimentá-la, conversar com ela, agradecer, contar seus infortúnios, trazer flores, oferecer-lhe joias.

UMA SANTA FESTIVA E AMADA

A festa secular é tão intensa quanto as celebrações religiosas. Esses aspectos se confundem porque o evento é, antes de tudo, apresentado como a festa da família, reunindo parentes que moram distantes uns dos outros e amigos. São caicoenses que migraram e que vêm para “recarregar as baterias” todos os anos. Durante os acontecimentos artísticos e os eventos festivos, a santa é um pouco esquecida e todos se preparam para “farrear”.

Toda a cidade aguarda com impaciência, por semanas, o anúncio dos shows com artistas de renome que são organizados durante as duas semanas de festa. Atraem um público vindo dos arredores e das cidades mais importantes do Rio Grande do Norte (Natal, Mossoró, Currais Novos, Parelhas etc.) e do interior da Paraíba, com visitantes, filhos ausentes e turistas, atingindo todos os grupos sociais e etários – ninguém pode ficar de fora! Os jovens preferem ficar circulando para paquerar e para serem vistos. Os mais ricos compram ingressos nos camarotes, com segurança, serviço de bar e conforto, seguindo a organização dos carnavais. Além desses acontecimentos, há momentos mais reservados para encontrar amigos e ex-colegas de turma: a festa do reencontro, a dos ex-alunos, a do Colégio Diocesano Seridoense é particularmente concorrida no primeiro sábado da festa com um churrasco, música, sorteio e com o lucro remetido para ações beneficentes. Encontros são organizados para um público específico, como no caso da carreta dos motoristas, ou por faixa etária: são organizadas marchas para as crianças e para os idosos – em 2018, eram mais de 3.000; os jovens se encontram na festa da juventude, os mais velhos, na festa da nostalgia. Até 2017 ocorria o “baile da elite”, a Festa dos Coroas, cuja primeira edição

aconteceu em 1974²⁰; reunia pessoas de mais idade e prestígio, em particular políticos do cenário local e estadual em campanha. Hoje, é preciso participar da Festa do Diamante organizada no Celebre Recepções na última sexta-feira da festa. O Baile da Noite Branca, que iniciou em 2009, reúne também “a elite da cidade” na primeira sexta-feira da festa e acontece na Pousada Céu Azul, na saída de Caicó-RN para Jucuturu-RN, num ambiente reservado e climatizado. A Festa dos Doces, associada à figura da avó, é organizada concomitantemente a um show religioso, reunindo os fiéis em torno do pecado da gula. Criam-se também eventos com a participação de esportistas: os peregrinos de Sant’Ana saem a pé de Currais Novos até Caicó, há uma caminhada das crianças e jovens de Caicó com Sant’Ana, acontece o pedal e a corrida de Sant’Ana etc. Com a crescente fama de Caicó ser uma cidade festiva, os shows das bandas famosas atraem um público jovem na Ilha de Sant’Ana, espaço idealizado para receber os eventos de grande porte.

A praça da Igreja de Sant’Ana, com seu arco do triunfo, construído em 1958 por Dom José Adelino Dantas em homenagem à passagem da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima pela cidade em 1953, é palco principal das cerimônias religiosas, em particular para a recepção dos fiéis e das procissões. É também o lugar de sociabilidade das famílias mais ricas: são elas que ocupam o lugar, reservando mesas com antecedência para o espaço onde há venda de comidas e bebidas. A festa torna-se motivo para promover a reunião dos membros de uma parentela que tem o desejo de restabelecer os laços com parentes longínquos e de esbanjar felicidade. É nesses momentos festivos que é possível perceber o papel das relações de parentesco no jogo social.

Para exemplificar a importância social destes encontros, destacamos um episódio jocoso que ilustra a forma de sociabilidade festiva, centrada no reencontro dos parentes e na ostentação. Em 2008, foi organizada uma reu-

20 O Baile dos Coroas foi pouco a pouco perdendo seu atrativo por ser considerado muito “cafona” pelos mais jovens.

nião da família Capitão, tendo Júlio Capitão e Dona Neném como pessoas de referência. Em notícia publicada no “Blog do Robson” no dia 05/06/2008, Salvador Santos, que reconstituiu a genealogia da família, convocou todos os familiares a se reencontrar durante a festa de Sant’Ana no clube Pingo d’Água. Nos comentários, uma pessoa que se fez passar por José Pereira Neto, vulgo Dedé Leseira²¹, prometeu oferecer a todos a refeição, se vangloriando da sua situação financeira:

Xerife Robson, como Capitão legítimo, e graças a Deus o mais bem-sucedido em termos de cacau entre toda a descendência do velho português Manoel Pereira da Silva, quero convidar a toda a parentada para participar nas 10 mesas que reservei na festa, onde tudo correrá à minha custa. E aconselho a todos jejuarem desde a véspera para tirarem a barriga da miséria, porque churrasco, galinha caipira, bode, feijoada e todo tipo de bebida vão dar na testa que nem sinusite. Vai ser um verdadeiro 0800, ou seja, tudo grátis. É só se ‘aprochegar’ e mostrar um documento provando que é meu primo, que o retetêú tá garantido. E você, Robson, também tem passe livre (09/06/2008 às 10h06).²².

Ainda que não tenha passado de uma brincadeira de mau gosto, o falso convite revela o ideal festivo que se desenha nessa descrição: muita gente, muita comida e bebida, generosidade, gargalhadas e exagero. O cardápio das comidas tradicionais é ressaltado com a jocosidade das fórmulas do linguajar sertanejo, ou o falar matuto, que as pessoas utilizam como marcador identitário. Percebe-se ainda aqui o interesse pela prática das pesquisas genealógicas, comum entre os membros das “famílias tradicionais” que procuram se reencontrar na ocasião da festa de julho.

No final dos ofícios, toda a população participa, à sua maneira, dos momentos de confraternização. Os familiares se reencontram e se congratulam publicamente, encenando uma sociabilidade que, segundo os partici-

21 Segundo Max Antônio Azevedo de Medeiros (2007, p. 110), ser leso ou lerdo é ser bobo, esquecido, com pensamento lento, agir sem malícia, não ser muito esperto ou ser idiota, dependendo do contexto.

22 Depoimento disponível no site: <<https://bit.ly/3eycJae>>. Para mais detalhes sobre a família Capitão, veja a dissertação de Pereira (2011).

pantes, seria fruto de uma tradição religiosa festiva desde a época colonial. Os fiéis se reúnem em torno de refeições produzidas pelas equipes da Igreja, que são vendidas a um grande número de convidados; são comidas tradicionais e festivas. Observa-se um consumo exagerado de álcool, de manhã até a noite, como é de costume nas festividades; são verdadeiros *potlatches*, pois através da ingestão exagerada de alimentos e bebidas, os membros das famílias importantes mostram ostensivamente seu status social. As mesas são postas nas praças públicas, na frente das casas, o que permite um maior conforto para os convivas e a generosidade é ritualizada: é obrigação do anfitrião servir comidas e bebidas a quem está na mesa ou dar comida a quem pede, como é obrigação aceitar: negar um convite, um prato ou uma hospedagem pode ser visto como uma desfeita. No entanto, as barreiras sociais continuam operando, apesar da aparente harmonia social. Nesses encontros, os filhos de Sant'Ana reúnem-se para a ocasião e reinventam uma identidade a partir de um repertório festivo e degustativo.

A FEIRINHA E A ENCENAÇÃO DO PASSADO

Desde os anos 1960, a Feirinha acontece na quinta-feira da segunda semana da festa, no centro histórico da cidade, lugar onde as famílias tradicionais ainda têm suas casas. O dia é esperado por todos por ser o ápice da festa, antes da sua finalização. É a oportunidade de relembrar os valores que são reivindicados localmente para se definir como um sertanejo: a união familiar, o respeito e a obediência aos mais velhos – sendo o chefe de família visto como pilar do grupo doméstico, mesmo se isso não corresponde à realidade sociológica –, a religiosidade, o gosto pelas festas, a generosidade, além da tradição culinária marcada pela opulência. É a ocasião de se mostrar ou de se inventar como caicoense.

Originalmente, era organizada uma feira em benefício da Igreja, como ocorre em qualquer festa de santo católico no interior do Nordeste brasileiro, mas, ao longo dos anos, o evento tomou grandes proporções. A Feirinha de Sant'Ana tornou-se uma das principais atrações da festa: muita gente,

muito barulho, muito calor, muita música, muita comida e bebida – mesmo proibido pela Igreja, o álcool é consumido sem nenhuma moderação. No dia, cadeiras e mesas são instaladas na praça Monsenhor Walfredo Gurgel, que é relativamente bem arborizada, a avenida Seridó e o entorno da Catedral são totalmente preenchidos de mesas onde os convivas chegam por volta das 10h e onde irão passar o dia bebendo, comendo, dançando e conversando. As ruas adjacentes até a praça da prefeitura e o largo da igreja do Rosário são ocupadas por vendedores ambulantes que se misturam aos grupos de empregados e coletivos (Lions Clube, cooperativa de médicos, bancos etc.) ou famílias que instalam suas barracas embaixo de lonas de plástico para se proteger do sol. A Igreja tenta controlar o espaço destinado às barracas, a venda de alimentos (almoço e petiscos) e limitar o consumo de álcool, mas o fluxo de pessoas e a euforia da festa torna a tarefa quase impossível.

São os voluntários designados pela organização da festa que preparam e vendem alimentos para serem degustados na hora. Os pratos de “comida típica”, como a galinha caipira torrada ou à cabidela, com arroz de galinha ou de leite, feijão-verde ou macassar afarofado com cebola roxa, bastante coentro e cebolinha, o carneiro assado ou guisado com pirão de leite ou de queijo, a carne de sol na nata, a panelada, a buchada, a linguiça do sertão servida com farofa, os pastéis, bolos e filhoses são consumidos por todos... que podem pagar! Estandes são montados ao redor da igreja – compram-se fichas para adquirir os pratos ou abrem-se contas se é conhecido. A bebida pode ser trazida de casa para ser consumida no local. A cerveja é sempre servida extremamente gelada para espantar o calor, mas se toma também cachaça ou uísque, bebida que funciona como marcador social, além dos refrigerantes, cujo uso é associado aos momentos festivos para as crianças e as mulheres. O espaço é disputado por famílias influentes e políticos com pretensões eleitorais; quanto mais as horas do dia avançam, mais a parte religiosa da festa parece ser esquecida, o que nem sempre agrada aos representantes da Igreja. Sob o pretexto de participar de um evento ecumênico, figuras políticas de todos as tendências se mostram em público, aparecem ao lado de autoridades eclesiásticas, têm suas fotos tiradas com seus eleito-

res que os adulam ou pedem favores. Em anos eleitorais, a participação na festa funciona como uma arena de disputa dos votos dos eleitores de forma pacífica, respeitando o caráter sagrado do evento (LANNA, 1995). Aliás, todos os representantes da classe política local devem marcar presença na Feirinha, declarando a sua fé católica, pois a cidade e a região se organizam em torno da vida religiosa. O evento ganha outra dimensão, alcançando uma importância política (e eleitoral) regional.

Durante a Feirinha, encena-se um mundo rural recriado por um dia, com leilões de animais vivos; a presença dos cavalos dos vaqueiros e as comidas que são servidas complementam o cenário. Os participantes revivem experiências passadas e reacendem laços que foram rompidos por uma vida longe do lugar de nascimento. É a oportunidade para se reunir com amigos de infância, descobrir mais sobre o passado familiar, encontrar-se para conhecer membros da família que vivem longe da terra natal. Mas é também a ocasião de mostrar seu sucesso social em praça pública, uma forma de dizer aos outros que valeu a pena partir de Caicó: os homens mostram ostensivamente os seus carros 4x4, com o som nas alturas, as mulheres usam joias caras e roupas de grife, personagens públicos são convidados para sentar na mesa etc.

Se todos os eventos são organizados em nome de Sant'Ana, santa doméstica que encarna os ideais cristãos, esta festa também serve para sublinhar o papel das famílias tradicionais que fundaram o Seridó, isto é, na visão dos seus membros, os descendentes diretos dos primeiros colonos. No entanto, nem sempre a terminologia local que serve para distinguir os ricos dos pobres corresponde a uma realidade sociológica, pois essas famílias agregam pessoas oriundas de diferentes segmentos socioeconômicos. Isso explica por que nem sempre é fácil circunscrever o universo social dos participantes da festa. A análise de Ana Marques (2015, p. 15) sobre os deslocamentos de grupos familiares de origem do sertão pernambucano reporta à particularidade das relações sociais que se fundam no parentesco e na capacidade dos membros de lembrarem suas origens:

Sem correspondência a algum nível específico socioeconômico ou cultural, se pudermos considerar o conjunto dos membros das grandes e velhas famílias sertanejas localizadas naqueles municípios como um segmento social, malgrado suas abissais diferenciações internas, tratar-se-ia de um segmento dominante. Presumivelmente, essas famílias descendem de um ancestral pioneiro estabelecido na região com seus currais ainda no período colonial; alguns de seus membros tiveram participação na vida política local, regional ou nacional; parte significativa de seus numerosos membros são proprietários de terra, comerciantes, funcionários da administração municipal, escolas ou repartições públicas, profissionais liberais. Esses atributos conferem prestígio e o caráter dominante de uma coletividade, independentemente da situação socioeconômica concreta de um ou outro indivíduo considerado membro de alguma dessas famílias. As genealogias são a um só tempo efeito e instrumento de consolidação desse status coletivo (MARQUES, 2015, p. 15).

Assim, a harmonia social encenada nas ocasiões festivas corresponde à tentativa de fazer reconhecer seu parentesco com os indivíduos com mais destaque social ou político. Ser parente não se traduz necessariamente numa igualdade de estatuto, mas à lembrança – ou a uma convicção – de pertencer a uma história comum. “Puxar” sua genealogia é também se aproximar: pode trazer benefícios como uma ajuda específica numa situação de emergência, uma consulta médica, um acolhimento temporário, um trabalho, um cargo ou uma recomendação. Porém, na ocasião da festa, as fronteiras sociais existentes são reforçadas e mais visíveis, pois são delimitadas no espaço, evidenciando os paradoxos de uma sociedade hierárquica, herança direta do período colonial.

Aqui, novamente, a história da Conquista é atualizada; a epopeia colonial e a celebração da origem portuguesa, cujos alicerces são estabelecidos nas espoliações territoriais feitas por grandes proprietários de terras, continua sendo a narrativa hegemônica. As famílias e os sobrenomes dos primeiros colonos portugueses são rememorados, celebrados, pois são associados à ideia da perpetuação de um passado escrito para poucos. A dimensão festiva da celebração de Sant’Ana reforça a versão da história colonial, a tradição, a família e a ordem instituída. Nesses momentos, é como se a dimensão

sagrada ou espiritual da festa diminuísse sua potência ou importância – tudo vira pretexto para se reunir, comer, beber, dançar, paquerar, festejar etc. A santa fica na Igreja, esquecida por um momento. Toda a cidade se transforma numa grande farra, durante a qual é celebrada uma identidade imaginada, onde é expressado um ideal de vida e uma forma de viver que existe mais no inconsciente coletivo do que na vida real.

Os leilões das doações feitas à Igreja contraíram o ideal de harmonia social (PIRES, 2013). Como nos *potlatches* Kwakiutl, o prestígio está diretamente ligado ao poder de compra e à posição social do chefe – rico proprietário de terras, pai de família numerosa, padrinho e patrono – que, embora seja generoso com a Igreja (o santo) e, aumentando a aposta, saberá redistribuir entre os convidados, sejam ricos ou pobres, os pratos que comprou por um preço alto (LANNA, 1995). Todos participam dos lances de acordo com suas possibilidades financeiras e do grupo social a que pertencem, pois mesmo que as fronteiras sociais e econômicas pareçam borradas, elas persistem e até são reforçadas (DAMATTA, 1981). Nessas ocasiões, o visitante desavisado tem a impressão de viver uma comunhão, sem barreiras sociais. No entanto, olhando de perto, os espaços permanecem fortemente divididos: as famílias abastadas ocupam lugares próximos à Igreja, reservando as mesas com antecedência, enquanto a multidão transita e, logo, é conduzida de volta a espaços mais distantes, como a Ilha de Sant’Ana, que se caracteriza como sendo um lugar mais democrático e onde o caráter religioso da festa é esquecido.

Assim, em tempos “normais”, os reencontros e a festa são vividos intensamente, tanto que as celebrações religiosas, em alguns momentos, passam para um segundo plano. A pandemia veio transformar drasticamente a lógica festiva. A dimensão religiosa tomou o espaço dos encontros e das farras barulhentas; a santa da família ficou recolhida, em sua casa, longe dos seus filhos.

A FESTA NA PANDEMIA

O ano de 2020 representou um desafio para quem organizou a festa de Sant’Ana, pois tinha que manter o momento litúrgico e o espírito comemo-

rativo num momento de angústia, de total indefinição em relação à doença misteriosa que se alastrou dramaticamente e a seus desdobramentos econômicos e sociais, levando em conta a dor com a perda de pessoas próximas. A situação pandêmica, em virtude da covid-19, rompeu com as lógicas do ritual, da presença e da aglomeração, fundamental para a celebração e para a vida social. Os organizadores da festa precisaram inovar. Mas como celebrar Sant'Ana sem procissão, sem a presença dos devotos, sem os encontros na praça lotada, sem os excessos que caracterizam esta experiência coletiva?

Se as expressões festivas e públicas tiveram que ser reprimidas, ao mesmo tempo constatou-se que a dimensão religiosa se ampliou, as expressões coletivas da celebração foram substituídas por um recolhimento espiritual. A dimensão religiosa tomou conta das redes e quase nada ficou para celebrar, dadas as restrições sanitárias e o clima de pessimismo associado à crise sanitária, política e econômica do país. Sant'Ana, figura materna icônica da cidade e da região, é uma santa carinhosa com quem se conversa; é quem consola e para quem se olha. São toques, confidências, preces, choros e beijos. Porém, a pandemia trouxe a impossibilidade do contato corporal entre o fiel e a santa e dos encontros entre os devotos que se veem como uma família ampliada e organizada em função do evento. De modo enfático, a Igreja direcionou os fiéis ao recolhimento e às orações, nas suas residências. Esta mudança é drástica visto que, normalmente, as casas são lugares de muita festa, são abertas, receptivas, com uma multidão de familiares e amigos. Trocou-se o barulho ensurdecedor e constante da mistura das músicas sacras com as bandas na moda pelo silêncio, a rua pela casa.

COMO FAZER FESTA SEM FESTA?

Se a pandemia provocou um choque mundial de um ponto de vista econômico, social, político, cultural e religioso, em Caicó teve um impacto radical na vida dos moradores e no calendário litúrgico. Medidas sanitárias foram anunciadas nos dias seguintes ao Carnaval, o último evento festivo que pôde ser celebrado normalmente e os cultos públicos ficaram proibidos

por decreto estadual até 05/04/2021.²³ Em 2020, todos os eventos públicos, inclusive os festejos religiosos, foram suspensos ou adiados por tempo indeterminado. O cancelamento de voos internacionais e domésticos afetou gravemente a área de turismo em todo país. Consequentemente, o comércio e o setor de entretenimento foram duramente atingidos pela parada das atividades comerciais. A pandemia causou um desfalque no estado do Rio Grande do Norte e no município de Caicó, uma vez que se trata de um importante evento turístico, com relevante implicação econômica. Com o cancelamento da festa presencial em 2020, estimou-se que este município deixou de receber, apenas em concessão de alvará de funcionamento temporário, cerca de R\$40 mil, segundo Redson Roberto, secretário do Desenvolvimento Econômico e Turismo de Caicó (SANTOS; BARBOSA 2020).

As apresentações culturais e os momentos de libação que acompanham a festa católica não ocorreram: não houve apresentações dos artistas locais nas praças públicas, nem as tradicionais festas em clubes privados com bandas ou cantores de renome nacional. Os músicos tiveram que se contentar com as lives, após a realização do novenário, sem ter o retorno financeiro rotineiro. A feira de artesanato na ilha, a FAMUSE, foi suspensa, da mesma forma que foram canceladas as exposições na Casa de Cultura. Do mesmo modo, não houve a tradicional Feirinha na quinta-feira. Bem dizer, não teve festa e o clima não era propício para comemorar. Na época, havia mais de 90 mil mortes por covid-19 em todo Brasil.

Apesar das dúvidas que existiam sobre a evolução da situação sanitária, ficou rapidamente estabelecido que a aglomeração de pessoas era a principal causa de contágio. Assim, a organização da maior festa do Seridó teve que ser replanejada totalmente, sem que tivesse muito tempo útil, pois se passaram apenas quatro meses entre o anúncio do confinamento e a data comemorativa. Era importante pensar em alternativas para organizar o

23 Em 2021, a festa ocorreu em formato híbrido, os cultos e a procissão com veículos próprio foram permitidos, mas não a parte social da festa. Um documentário retrata como foi organizada, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yBhjVFA9DSg>>.

evento, considerando seu momento ritual que, inclusive, marca a temporalidade social e a vida da cidade. Diante deste novo desafio, os principais momentos da parte religiosa (missas, peregrinação, procissão final) e o aspecto “social” da celebração foram adaptados para a realidade virtual.

REZAR PELO YOUTUBE

Levando em conta as formas locais de expressão da religiosidade católica, era necessário promover uma aproximação física dos devotos com a padroeira e, ao mesmo tempo, evitar que os fiéis se aproximassem da santa, provocando aglomeração. Foram pensadas estratégias para evitar as aglomerações. Para isso, foi criado um lema: “Cada casa, uma catedral”, convidando, assim, os fiéis a colocarem um estandarte representando a santa na frente das suas casas para que a cidade toda mostrasse a sua participação maciça; essa ação lembra os momentos regionais de campanhas políticas em que se coloca uma bandeira com a cor do partido do candidato, indicando os votos daquela residência.

Os idealizadores dessa nova modalidade de festa tiveram o cuidado de envolver os fiéis na divulgação da festa, algo que obteve adesão imediata; foram solicitados a fazer registros fotográficos da família na frente do altar e a publicizá-los, colocando a *hashtag* “minha catedral” e as preces nos *feeds* das postagens nas redes sociais, marcando as redes e mídias sociais da paróquia. Reviveu-se a tradição dos cultos domésticos, com os altares privados e imagens de Sant’Ana, representando a figura das avós. Essas são consideradas como o pilar de fé das famílias: Sant’Ana compartilha o espaço do seu oratório com outros santos nas salas ou nos quartos de muitas casas (N. Sra, Santo Antônio, Padre Cícero etc.). Uma imagem da padroeira foi colocada à frente da porta principal da igreja, à distância dos fiéis, protegida por uma grade, para que as pessoas pudessem se aproximar para rezar. Mesmo impedidos de entrar no templo, os filhos de Sant’Ana podiam vê-la de perto e fazer suas preces e agradecimentos. A santa protetora do Seridó ficou em casa, como recomendavam as autoridades, e a catedral foi

fechada durante todo o período da festa. Os representantes da Igreja e da organização da festa lembravam a todo momento a necessidade de respeitar as medidas sanitárias.

Foi necessário repensar totalmente a realização dos eventos que aglomeraram um número considerável de pessoas. O desafio foi ainda manter o caráter festivo do momento, em plena pandemia, renovar o elo que liga os devotos à santa protetora, já que uma das premissas da festa é o encontro entre as famílias e a crença no poder da santa. A fé se materializa com a participação direta e intensa na vida da Igreja, durante os eventos religiosos, com a preparação da festa ou através de ações evangelizadoras, pelas doações *in natura* e as contribuições financeiras que são feitas para agradecer as graças alcançadas. Nenhuma ação contou com a participação do público e até o dízimo foi recolhido virtualmente. Apesar de não ter tido nenhum evento preparatório como é de costume, encontrou-se soluções criativas para arrecadar fundos para viabilizar a festa e as ações da Igreja: as caminhadas, os encontros, os bingos foram substituídos por leilões e *lives* beneficentes com disponibilização de *QR code* a fim de facilitar as doações diretas para a paróquia de Sant’Ana. Em 2021, como ainda haviam restrições, foi possível mandar um *pix*²⁴ para a conta da Igreja.

Anúncios dos patrocinadores apareciam nas transmissões on-line: funerárias, corretores de imóveis, lojas de construção, restaurantes, oficinas e postos de gasolina, cirurgiões dentistas, óticas, sindicatos, marcas de produtos locais participaram com doações. Mais de 5 leilões²⁵ virtuais com

24 Pix é uma forma pagamento eletrônico instantâneo, gratuito, mediado por instituições financeiras que foi criado em novembro 2020 e se tornou a principal moeda, facilitando as operações financeiras durante a pandemia.

25 Um episódio ocorrido em agosto 2020 mostra a importância da participação dos fiéis na vida da Igreja e a relação com os párocos das cidades para os católicos: “O padre Gleiber Dantas, da paróquia São Sebastião, no município de Florânia, a 216 km de Natal, viralizou na web após fazer um leilão virtual se balançando em uma rede. A *live* foi realizada na noite de segunda-feira (31), nas redes sociais do Santuário de Nossa Senhora das Graças, dentro das comemorações à santa, padroeira da cidade [...] Os lances dados durante a *live* foram generosos. Um dos bolos foi levado por R\$500 e a lasanha foi arrematada por R\$140”. Este

duração de até 6 horas foram organizados por grupos de fiéis se comunicando pelas redes sociais, tais como whatsapp e facebook, e transmitidos pelas mídias da paróquia e por canais do youtube da TV Kurtição. As prendas foram similares às oferecidas em festas anteriores como: bordados, bolos, cestas de doces, queijos, galinhas torradas, cachaças e outras bebidas alcoólicas, produtos de limpeza, eletrodomésticos, plantas, animais vivos etc. Pessoas que residem em diversas partes do Brasil tais como Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Brasília, Curitiba, participaram dos leilões pela internet como eles fazem normalmente de forma presencial, e ainda mais do que nos outros anos, arrematando as prendas e enviando-as aos parentes de Caicó. A mudança foi importante mas exitosa, permitindo que as atividades culturais aconteçam; durante as *lives*, havia uma boa participação dos ouvintes que faziam comentários e compartilhavam mensagens.

Souvenires que eram vendidos nas barracas durante a festa da paróquia foram comercializados pelas redes sociais: bandeiras e réplicas em miniaturas do estandarte da festa foram confeccionados para que as pessoas pudessem usar em suas casas desde o início da festa até seu término, acompanhando o ritual de hasteamento e descerramento do estandarte de Santana. Foram colocados à venda imagens da santa, camisa oficial da festa, máscaras (!), bonés, kits toalha de banho e lavabo, pêndulos e porta-chaves, agendas, blocos de notas, garrafas, canecas etc.

Todos os eventos religiosos e as procissões foram proibidos; no entanto, algumas peregrinações aconteceram na casa de pessoas públicas, como foi o caso do prefeito de Natal, Álvaro Dias, que recebeu Sant'Ana na sua casa em Caicó. O pároco estava na igreja, vazia, e a novena foi transmitida pelas mídias da paróquia e, também, pelo canal do youtube. Durante a transmissão, os devotos realizaram suas preces e, ao final, os membros da família agradeceram as graças alcançadas. Alguns eventos foram realizados em atos simbólicos, sem a presença dos fiéis, como a cavalgada, que foi

leilão teve um grande sucesso nas redes sociais, tornando a festa – e o simpático Padre Gleiber – ainda mais populares. Para assistir, acesse: <<https://glo.bo/2TrGm5W>>.

representada por alguns policiais militares levando a bandeira da cidade e o estandarte da festa, seguindo o mesmo percurso dos anos anteriores, finalizando em frente da Igreja. No lugar da procissão e bênção dos veículos, houve a celebração de uma missa dos motoristas seguida de um buzinaço na frente de cada residência onde os veículos estavam estacionados. O objetivo era evitar aglomerações e incentivar o isolamento social. Enfim, a procissão final aconteceu de forma simbólica: o bispo D. Antônio Carlos Cruz Santos levou a imagem primitiva da santa, perfazendo um pequeno percurso na Igreja. No final da missa, levou a imagem primitiva para sobrevoar a cidade num avião monomotor que foi emprestado por um empresário da região. A santa protetora pôde percorrer toda a área urbana e parte da área rural, sobrevoando e abençoando do alto os seus fiéis, representando o que acontece anualmente quando a imagem sai do altar - mor em procissão.

Para as atividades sociais, foi preciso criar novas formas de interação com os participantes da festa respeitando as regras sanitárias e o distanciamento social previstos nos decretos eclesiásticos, do poder municipal e estadual. No entanto, os eventos virtuais não conseguiram transmitir a emoção da festa presencial. No lugar do almoço de Sant'Ana, houve uma “galinhada *drive-thru*” no largo da matriz de Santana servida em umas quentinhas... faltou *glamour* e convivialidade! A equipe responsável preparou a comida em embalagens adequadas para que não houvesse atropelos e o sucesso foi tão grande que as senhas foram esgotadas rapidamente. Ainda que os filhos ausentes não pudessem participar de forma presencial, a mudança foi importante para que as atividades culturais pudessem acontecer. Os momentos de sociabilidade foram restritos ao espaço privado.

Outras atividades foram pensadas em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e com apoio da Fundação José Augusto, como a realização de exposição virtual no site do Museu do Seridó, e o Fórum da Festa de Santana, um evento acadêmico cujo objetivo propôs avaliar a importância desta festa como patrimônio cultural brasileiro após os 10 anos de seu registro no Livro das Celebrações do IPHAN, certificando a festa como patrimônio cultural brasileiro. Além da reflexão sobre os temas relaciona-

dos ao patrimônio, este evento promoveu debates relacionados à história, ao turismo cultural, à moda, às artes e ao design, bem como sobre novas perspectivas e novos cenários pós-pandemia.

CAICÓ CRIA, PARIS COPIA!²⁶

A saída encontrada para a realização da festa foi o uso das novas tecnologias. Os recursos existentes foram potencializados pelos organizadores da festa para que os fiéis pudessem se mobilizar em torno da celebração festiva recriando, à distância, o ambiente da festa. Com todas as restrições sanitárias, apenas os representantes da Igreja – o clero, os diáconos e coroinhas, o coral e o sacristão e religiosas – os músicos, a imprensa, os fotógrafos, os membros da comissão da festa e a equipe da TV Kurtição, responsável pela transmissão, foram autorizados a participar dos cultos. Entretanto, como nos anos anteriores já havia um uso intenso dos meios de comunicação tradicionais (rádio) e de emissoras de televisão locais, com assinatura ou via internet²⁷, este processo foi facilitado e o uso dos recursos tecnológicos foi uma solução adequada para evitar a aglomeração e manter a união entre os participantes da festa.

A festa, transmitida pela internet, seguiu a mesma lógica da organização da festa em “tempos normais”. Cada equipe era organizada em função das tarefas e buscou saídas para realizar a festa de modo virtual. A Rádio Rural de Caicó, auxiliada, desde 2009, pela TV Kurtição, já transmitia as notícias e os cultos. Importante chamar atenção sobre o papel do sistema da Rádio Rural de Caicó, pois essa continua sendo muito ouvida, em particular para

26 Segundo Sinval de Souza, essa frase foi inspirada dos sermões de Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, que dizia “Tudo nasce em Caicó e vai para o mundo”. Desde 2018, o cabeleireiro, junto com Moka Dantas, promovem uma campanha de arrecadação de alimentos para doação para a Casa de Caridade São Vicente de Paula. Ver depoimentos durante a Noite Branca de 2019, disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wefq6iKX9l8>>.

27 As televisões locais que transmitiram a festa: TV Kurtição, TV IBM Caicó, TV seridoense, TV Cristo Rei, e Sidy's TV a Cabo.

manter informados os ouvintes dos eventos organizados pela Igreja. A rádio Rural vem consolidando sua atuação no cenário regional, em particular promovendo atividades de evangelização, educação, informação e eventos sociais, ainda que esteja inserida num cenário de tecnologia que transmite ao vivo som e imagem, a rádio não perde a sua importância para os ouvintes, pelo contrário, se consolidou como veículo de comunicação, se adequando às modalidades tecnológicas e comunicacionais.

Criada pela Igreja no dia 01/05/1963²⁸, a rádio, que chamava-se inicialmente Emissora de Educação Rural de Caicó, era conhecida como a “Rádio dos padres”. O seu primeiro slogan foi “Evangelizando o Seridó”: nas comunidades rurais, as pessoas se reuniram para acompanhar as missas que eram transmitidas via rádio e depois podiam dançar forró! Tinha ainda como objetivo educar à distância as populações rurais na perspectiva do Movimento de Educação de Base (MEB), o que foi mais difícil a partir de 1964 pois o projeto tinha sido idealizado pela ala progressista da Igreja. Havia uma programação visando emancipar a população que não tinha acesso à educação formal e muitos aprenderam a ler.²⁹ Além de promover atividades educacionais, a rádio era um importante meio de comunicação e facilitava a troca de informações entre as comunidades – as pessoas pagavam para que os recados fossem dados. Oferecia também programas de diversão, com uma intensa participação dos ouvintes, que pagavam para escutar suas músicas preferidas (violeiros, forró pela Rural, mais bela voz), transmitia jogos de futebol, programas que eram organizados por jovens sob a coordenação dos padres. Hoje, mesmo com a rádio podendo ser acessada via redes digitais, a transmissão tradicional é ainda utilizada pelos mais po-

28 A Rádio Rural (AM 830) foi fundada, com o apoio de Dom Eugênio Sales, por Dom Manuel Tavares de Araújo, Padre Antenor, Padre Tércio e Padre Itan, com doações dos fiéis que se revelaram insuficientes. Pe. Antenor decidiu realizar uma campanha junto a empresários em São Paulo. Ver o documentário e a exposição virtual “Rádio Rural: comunicação, educação e cultura no Seridó (2020)”, disponível em: <<https://radiatorural.com/expo/>>.

29 Entre os programas que tiveram sucesso, podem ser citados o Clube do Guri, Porque Hoje é Sábado, Higiene e Saúde, Aprenda em sua Casa.

bres que não têm acesso à internet. Assim, a realização da festa em formato virtual foi facilitada pelas redes já existentes; a rádio já era e continua sendo um meio potente de organização dos cristãos que acompanham a festa de Sant’Ana pela rádio.

UMA FESTA EM REDE

Desde a criação de blogs, sites, canais, redes sociais, e principalmente o instagram, a divulgação da festa tem sido cada vez mais dinamizada, seja através das mídias oficiais ou particulares, sobretudo pelos grupos ligados à Igreja. Os principais momentos e os espaços da festa, que já eram amplamente divulgados pelos jornais televisivos ou as redes específicas, foram repensados para serem integralmente acessíveis a todos os filhos de Sant’Ana, qualquer que seja o lugar de morada.

As mídias sociais substituíram as “colunas sociais” dos jornais locais, publicações que retratavam os eventos públicos, sobretudo as festas, e eram comentadas nesses veículos. Hoje, podemos perceber a emergência de uma mídia da festa, especializada. As postagens, as reportagens da mídia escrita, visual e de TV se multiplicaram e atraem cada vez mais público. São responsáveis pela divulgação da programação social e religiosa da festa, divulgando os comércios locais que patrocinam eventos do festejo. A própria paróquia e a diocese têm investido na divulgação dos eventos litúrgicos e na disseminação do conteúdo digital. Com a pandemia, a utilização desses meios comunicativos possibilitou a realização do festejo em honra a Sant’Ana.

Assim, a *web* revolucionou a forma de viver a festa, pensar, organizar, integrar os devotos, pois com a ampliação das transmissões, respeitando o calendário religioso e festivo, os filhos ausentes e os devotos de Sant’Ana puderam acompanhar o desenvolvimento da festa sem sair da sua cidade ou do país para onde migraram. Essa constatação pode ser comprovada pelos registros de mensagens de pessoas que eram retransmitidos na tela do canal do youtube da paróquia ao vivo, no *chat* das transmissões: pedidos e ora-

ções endereçados a Sant’Ana para curar uma doença, agradecimentos por graças alcançadas, lembranças para um familiar ou ainda preces para encerramento da pandemia foram recorrentes ao longo dos eventos religiosos e culturais que foram realizados no decorrer da festa. O cerimonialista e a santa invadiram os espaços privados, tornando-se onipresentes e à disposição do devoto, que só precisava vestir a camisa da festa em louvor à santa padroeira, na frente do seu altar doméstico, para participar a partir do seu celular ou do seu computador.

4 - O adro da Igreja com devotos em festa



(Foto: Luís Eduardo do Nascimento Neto, 2021)³⁰

30 Escolhemos incluir fotografias da festa de 2021, pois em 2020 não houve nenhum evento público e as únicas imagens que temos são as das redes sociais, em particular da Paroquia, disponíveis em: <<https://www.instagram.com/festadesantanaicaicooficial/>>.

Nesse formato de festa, a sincronicidade não se torna imperiosa, ainda que muitos não tenham acesso aos meios ou mídias digitais. O tempo da festa realizada de forma virtual pode ser suspenso ou rearranjado: pode-se assistir uma novena, uma homília que já foi realizada, a qualquer momento, procurando apenas os canais no qual está armazenada. É possível acompanhar *a posteriori*, o internauta pode parar a transmissão para resolver um problema e retomar em outra hora. A modalidade virtual da festa não requer tanto a participação do fiel. Em tempos normais, o fiel se dedica plenamente à santa. Agora, a comunicação com a padroeira se faz pelo *chat* ou fazendo um *print*! Ao mesmo tempo, essa forma de divulgação tira a obrigatoriedade da presença física e torna possível acessar de qualquer lugar do planeta, o que torna o número de espectadores quase ilimitado. A coordenação da festa estima que as *lives* e eventos religiosos da festa de 2020 passaram de meio milhão de visualizações.

5 - Flores de Sant'Ana de Caicó, 2021



(Foto: Luís Eduardo do Nascimento Neto)

Em 2020, a Agência Referência de Comunicação, coordenada por Diego Vale, agente ativo na organização da festa, deu suporte para a divulgação da programação. As redes sociais e outros canais de comunicação via web (site da festa, twitter, instagram) vieram complementar a estrutura já existente nos outros anos e foram responsáveis pela divulgação da programação, contando com os devotos que se tornaram assíduos participantes. A programação foi pensada em seus detalhes para ocorrer de forma virtual e digital, resguardando as atividades culturais realizadas no adro e pátio da catedral através de sistema *drive-thru*. Os convites, livro de cânticos e do peregrino – que já tinham uma edição virtual pelo menos desde 2018 – também tiveram uma circulação digital além do tradicional impresso. Nas redes sociais da paróquia, vídeos e fotos foram inseridos visando a divulgação da festa, irmanados em torno de sua padroeira. Os novenários, os eventos sociais e culturais foram todos realizados virtualmente, na Igreja Matriz ou no espaço destinado para as *lives* – no Pátio do Colégio das Irmãs de Santa Terezinha. Os devotos eram convidados a acompanhar e interagir com os animadores das *lives* a partir das suas casas, ao vivo ou pelos comentários nos *chats* ou mandando fotos dos altares, que eram mostrados ao vivo. Os padres se tornaram espécies de *youtubers* solicitando *likes* para a santa padroeira através das mídias e atividades virtuais. Parece, no final, que a dimensão religiosa tomou uma proporção maior do que os momentos de diversão, ao contrário dos outros anos.

A FESTA FICA PARA DEPOIS

No ano de 2020, a festa secular de Santana precisou se adaptar ao contexto de pandemia. Muitas inovações, muita atividade, muita tecnologia e, no final, muita participação – sobretudo por parte dos que deixaram a terra natal e, entre os mais bem-sucedidos, aqueles que não puderam voltar como de costume. No entanto, a festa em modo virtual difere daquela tradicionalmente realizada, excluindo ainda mais os mais pobres que não têm acesso às tecnologias digitais: a parte religiosa foi reduzida, não se

6 - Devoção em tempo de pandemia, julho 2021



(Foto: Luís Eduardo do Nascimento Neto)

cantou o hino de Sant’Ana, não havia flor para pegar, nem amigos para encontrar – faltou a presença física e a sensação de fazer corpo com os demais devotos. As casas das famílias ficaram fechadas, silenciosas e vazias, as mesas não foram decoradas, não houve bailes, bebedeiras, risadas, ninguém tomou café da manhã no mercado para curar ressaca, até o calor da procissão fez falta... Os poucos momentos de sociabilidade aconteceram durante os eventos digitais. Mas nada se compara com a vibração da reunião de milhares de pessoas que se reconhecem como parentes. Sant’Ana estava lá, na sua igreja, sozinha e no *youtube*, fazendo de tudo para confortar as famílias enlutadas. Os fiéis compareceram nos *chats* e mostraram sua devoção, mas faltou o essencial: a alegria da festa. Em 2021, as comemorações religiosas aconteceram, de forma limitada e respeitando estritamente as orientações sanitárias, mas nada comparado com o que acontece em tempo normal.

Podemos arriscar em dizer que a festa de Sant’Ana resume Caicó e sua gente, pelo menos os que são de religião católica; todos os participantes, ao seu modo, se identificam com a santa, o Seridó, sua comida, seu modo de viver e sua apreensão do futuro. São pessoas e famílias que migraram, mas que continuam se reivindicando como seridoenses, que voltam quando podem para se nutrir das tradições e da história imaginada dos primeiros colonos. Cada um se sacrifica para agradar a santa, ofertando prendas, sendo voluntário na realização das tarefas, rezando, pagando promessa etc. A festa, que estrutura o tempo, o espaço e as relações sociais, hesita entre o sagrado e o profano. É como se o evento que ritma o calendário da cidade não tivesse acontecido. O tempo ficou suspenso. A pandemia apagou o brilho da festa, a efervescência do social. Restou a fé e a esperança de uma nova data, no próximo ano.

7- A catedral de Caicó com restrições de acesso na pandemia de covid-19



(Foto: Luís Eduardo do Nascimento Neto, 2021)

8 - Fiéis caicoenses em casa para ver a padroeira passar em carreata



(Foto: Luís Eduardo do Nascimento Neto, 2021)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

BRITO, Thaís F. S. de. *Bordados e bordadeiras*. Um estudo sobre a produção artesanal de bordados em Caicó-RN. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRITO, Thaís F. S. de. Sertão de Caicó: um breve ensaio sobre homens, currais e bordados – de memórias aos novos temas para o masculino. *Revista Mneme*, Caicó, v. 17, n. 39, p. 58-81, jul./dez., 2016.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da cidade do Natal*. 3. ed. Prefácio de Enélio Lima Petrovich. Natal: RN Econômico, 1999.

CAVIGNAC, Julie A. Destinos migrantes: representações simbólicas, histórias de vida e narrativas. *Campos: revista de Antropologia Social*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 67-97, 2001.

CAVIGNAC, Julie A. A etnicidade encoberta: índios e negros no Rio Grande do Norte. *Mneme: revista de Humanidades*, Caicó, v. 4, n. 8, p. 1-79, 2003.

CAVIGNAC, Julie A. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. Natal: Edufrn, 2007.

CAVIGNAC, Julie A.; MACÊDO, Muirakytan K. de; BRITO, Paula Sônia de; DANTAS, Maria Isabel. O inventário da cultura do Seridó (RN) ou como dar conta do patrimônio imaterial de uma região. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 3, n. 4, p. 48-84, 2011. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/24/24>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

CORREIA, Isac A.; OJIMA, Ricardo; BARBIERI, Alisson F. Emigração e transferências monetárias como estratégias de adaptação às secas no Seridó Potiguar. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, v. 28, n. 59, p. 177-197, ago. 2020.

DAMATTA, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FÍGOLI, Leonardo H. G.; FAZITO, Dimitri. Redes sociales en una investigación de migración indígena: el caso de Manaus. *Revista Brasileira de Estudos de População* [on-line], v. 26, n. 1, p. 77-95, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/ZsFTGFmJMqyPNhJtH6cjkqb/?lang=es#>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

IPEA. *Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros*. COSTA, Marco Aurélio; MARGUTI, Bárbara Oliveira (org.). Brasília: IPEA, 2015. Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/images/publicacoes/Ivs/publicacao_atlas_ivs.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.

IPHAN. *Dossiê Iphan: a festa de Sant'Ana*. Brasília: Ministério da Cultura/Iphan/Mec, 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_de_santana_caico.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

LANNA, Marcos. *A dívida divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

MACÊDO, Muirakytan K. de. *A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

MACÊDO Muirakytan K. de. Áridos cabedais: família, patrimônio e cotidiano na ribeira do seridó colonial. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – História e Ética, 2009. *Anais...* Fortaleza: ANPUH, 2009. v. 1., p. 1-8. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772189_306cfb4e095264a3792d4b40e479dd09.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MACÊDO Muirakytan K. de. *Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (séc. XVIII)*. Natal: EDUFRN, 2015.

MARQUES, Ana C. Movimentos em Família. *RURIS - Centro de Estudos Rurais*, v. 9, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/2074>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MEDEIROS, Max Antônio Azevedo de. *Palavreado cá de nós: linguajar do povo seridoense, dicionário, ditados populares, expressões*. Caicó: Netograf, 2007.

PEREIRA, Carlos E. de Brito. De volta para os braços da rainha dos céus: migração, memória e festa em Caicó-RN. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/13747>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

PEREZ, Lea Freitas. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PIRES, Flávia. *Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho: etnografia da festa de Catingueira-PB*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2013.

SANTOS, Isaiana; BARBOSA, Rafael. *Festa de Sant'Ana é cancelada no Seridó potiguar por causa da pandemia do coronavírus*. InterTV Costa Branca e G1 RN, 20 mai. 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/3pHRQvW>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SILVINO, Marluce. *Ilha de Santana e Alto de Santa Rita: a produção do espaço do turismo em Caicó e Santa Cruz-RN*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.